

A comissão da dívida externa tenta sair do impasse

Durante o período de transição entre o grupo de negociadores que deixa o Ministério da Fazenda e a equipe do novo ministro, a comissão de assessoramento presidencial para a dívida externa vai continuar mantendo contatos externos. Alguns integrantes da comissão já estão explorando junto aos bancos credores as idéias que têm surgido para romper o impasse da dívida, disse ontem o secretário executivo da comissão e assessor internacional do ministro demissionário Dílson Funaro, embaixador Alvaro Alencar.

O embaixador informou que está voltando ao Itamaraty, mas garantiu que a mudança de nomes na comissão não vai prejudicar esse trabalho de ponte entre as duas administrações. Além de Alvaro Alencar, deixa também a comissão o secretário de assuntos econômicos de Funaro, Luiz Gonzaga Beluzzo. A permanência dos presidentes e diretores do Banco Central e do Banco do Brasil ainda não está definida, mas assessores demissionários da Fazenda esperam que continuem na comissão os integrantes ligados ao Itamaraty: o embaixador extraordinário Saraiva Guerreiro e o subsecretário geral Francisco Thompson Flores.

Alvaro Alencar disse ainda que devem prosseguir normalmente os contatos entre o governo bra-

sileiro e as missões do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, que estão no País. São contatos de nível técnico, que não serão interrompidos. Os técnicos têm todos os dados necessários, explicou o embaixador, informando que a missão do FMI tinha marcado para ontem mesmo sua primeira reunião no Banco Central.

28 ABR 1987
Decepção

O embaixador Alencar disse que há um interesse firme de alguns bancos credores em discutir soluções que permitam quebrar o impasse em que se encontram as negociações sobre a dívida. "É do interesse deles, tanto quanto nosso, achar novas soluções." Mas o coordenador internacional de Funaro se confessou decepcionado com a resposta dos governos dos países ricos ao acordo firmado em janeiro passado com o Clube de Paris.

Alencar, que foi um dos principais negociadores do acordo, disse que apenas a Itália, a França e o Canadá responderam sem demora ao convite brasileiro para negociações bilaterais, para a reabertura dos créditos oficiais dos países do Clube ao Brasil. O embaixador explicou que o acordo assinado no dia 20 de janeiro previa a reabertura imediata das linhas de crédito

das agências dos países ricos, mas até agora a maior parte deles não respondeu às iniciativas do Brasil, dando desculpas as mais variadas para protelar os entendimentos.

O embaixador comentou favoravelmente o Plano Nakasone, que pretende repassar 30 bilhões de dólares do superávit comercial japonês para países devedores, fazendo uma comparação com a época dos petrodólares acumulados pelos países árabes. Alencar disse que há uma diferença entre as duas situações, pois enquanto os países árabes não tinham uma tradição de participação no comércio internacional, os japoneses já são muito ativos nessa área.

Os árabes naquela época, como hoje os japoneses, tinham excesso de liquidez. Mas no caso dos árabes, só era possível a aplicação financeira, enquanto os japoneses têm condições e interesse de fazer investimentos em matérias-primas e mesmo na produção de bens industriais, comentou o assessor de Funaro. O embaixador Alencar disse ainda que o Itamaraty e o Banco do Brasil continuam a buscar informações mais detalhadas sobre as condições de aplicação do Plano Nakasone, mas até agora o governo brasileiro não tem detalhes além do que foi anunciado nos Estados Unidos pelo ex-chanceler japonês Shintaro Abe.